

Vinícius Matté Gregory

**Os mapuches e os chilenos:
conflitos e construção identitária.**

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília para a obtenção de grau de licenciado/bacharel em História.

Prof. Dr. Jaime de Almeida (Orientador)

Prof^a. Dra Susane Rodrigues de Oliveira

Prof. Dr. Kelerson Semerene Costa

Brasília

Dezembro de 2011

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer principalmente ao professor Jaime, que tem me acompanhado e orientado nos últimos anos; que tem me ajudado a encontrar caminhos por onde trilhar nessa vida acadêmica; que nunca tentou me impor nem a sua linha de pesquisa e nem os seus métodos; que sempre me deu a liberdade de seguir a minha própria curiosidade e de buscar as respostas para as minhas próprias perguntas; que, diante das minhas dificuldades, usa da sua experiência para me apontar possíveis soluções; enfim, que mais do que um simples professor orientador, tem sido um verdadeiro amigo com quem eu posso compartilhar as minhas elucubrações intelectuais. Não fosse pelo convívio com o professor Jaime talvez eu nunca viesse a descobrir este assunto tão interessante e tão polêmico que é a situação dos Mapuche no Chile.



Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Humanas

Departamento de História

**Os mapuches e os chilenos:
conflitos e construção identitária.**

Aluno: Vinícius Matté Gregory

Brasília

Dezembro de 2011

RESUMO

A presente monografia procura discutir a questão identitária que se apresenta no Chile, neste momento de comemoração do bicentenário de sua independência, com base em um estudo histórico do conflito que tem se operado entre espanhóis/chilenos e índios. Para isso, retrata brevemente a atual situação dos índios mapuche no Chile e os argumentos que usam como justificativa para se opor à identidade chilena. Traça um panorama histórico desde o momento em que os primeiros espanhóis puseram os pés em território chileno até o momento em que os chilenos, já constituídos enquanto nação, conquistam o território mapuche na década de 1880. E, por fim, discute como os espanhóis do século XVI registraram suas primeiras impressões sobre aqueles índios que lhes impunham uma feroz resistência.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	1
RESUMO.....	2
INTRODUÇÃO.....	4
OS MAPUCHE HOJE.....	7
A questão da identidade e o bicentenário da independência.....	7
Terrorismo, multinacionais e os Mapuche.....	8
Os Mapuche na ONU.....	8
A GUERRA DE ARAUCO.....	10
Os Incas.....	10
Diego de Almagro.....	10
Pedro de Valdivia.....	11
Séculos XVII, XVIII e XIX.....	12
A Guerra do Pacífico.....	16
AS RELAÇÕES DE ALTERIDADE.....	19
Alonso de Ercilla e “La Araucana”.....	19
Pedro de Oña e o “Arauco Domado”.....	20
Análise de Fonte: Gerónimo de Vivar e a “Crónica y Relación Copiosa y Verdadera de los Reynos de Chile”.....	21
CONCLUSÕES.....	26
As Relações de Alteridade e a Questão da Identidade.....	26
As Relações de Alteridade e o Terrorismo.....	26
A Guerra de Arauco e o Conflito Mapuche.....	27
Os Mapuche, a ONU e o Resto do Mundo.....	27
Levantamento de Novas Questões.....	27
Considerações Finais.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30
DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE.....	32

INTRODUÇÃO

O estudo da história da América está repleto das mais diversas peculiaridades. Quando a estudamos inserida em uma “História Geral” ou “História Universal”, ela aparece como um mero apêndice da história da Europa. Tem início em algum capítulo sobre as Grandes Navegações e a “descoberta” do “Novo Mundo”. Segue-se a conquista e a colonização; depois as independências; e, por fim; as ditaduras do século XX. Quando tentamos transformar os americanos em protagonistas de sua própria história, estudamos as “Altas Culturas” maia, asteca e inca e, em seguida, vamos às histórias nacionais e passamos o protagonismo aos *Criollos*. Não muda muita coisa. Em ambos os casos, permanece o fato de que ignoramos a presença dos povos nativo-americanos. Esta é, sem dúvida nenhuma, uma das peculiaridades mais extravagantes no estudo da história da América.

A questão das identidades tem sido trabalhada no âmbito da história há algum tempo. E talvez possa ser exatamente esta questão a nos fornecer um indício que nos ajude a explicar a referida extravagância. Conhecemos perfeitamente a relação entre a constituição da disciplina/ciência História no século XIX, a formação dos Estados-Nação e o uso da História com o intuito de promover a formação de uma identidade nacional. Nada mais eloquente para exemplificar essa relação do que lembrar o próprio caso brasileiro. A formação da identidade nacional enfatizou primordialmente a influência europeia, seja ela portuguesa ou dos imigrantes que aqui chegaram mais tarde. Tentou-se construir uma ideia de sincretismo de culturas, uma fusão de cultura indígena, negra, portuguesa, outros europeus, japoneses; mas a ênfase sempre foi na presença portuguesa. Pouco espaço há na historiografia brasilianista para as reações dos Guaranis, ou de qualquer outra etnia, à presença europeia. Que reações tiveram? Como interpretaram a chegada dos europeus? Como se adaptaram à nova realidade? Resolveram migrar? Para onde? Estabeleceram relações de troca? Por que? Não me parece tão absurdo generalizar estas especulações para as histórias nacionais de outros países americanos. A presença dos povos nativo-americanos nestas historiografias é absolutamente anêmica e relegada ao segundo plano.

O caso do Chile a este respeito é emblemático. Independente desde 1810, o país continua em processo de construção de sua identidade nacional. Diante das recentes comemorações do bicentenário da Independência, procura-se afirmar uma identidade chilena seguindo um modelo muito semelhante ao brasileiro: enfatizando o sincretismo e a

miscigenação de diversos povos e culturas. A realidade, entretanto, se apresenta muitíssimo mais complexa. Existe, afinal de contas, um povo nativo-americano que insiste em negar a identidade chilena. Se afirmam Mapuche e exigem ser reconhecidos e respeitados como tal. Ao mesmo tempo, o que se produz de literatura enfatizando uma identidade Mapuche em oposição à identidade chilena é tachada de romanticismo indigenista que se afasta do reconhecimento de que o Chile foi formado por uma multitude de povos e culturas. Líderes Mapuche se pronunciam em conferências das Nações Unidas para denunciar as perseguições políticas que o seu povo tem sofrido. Reivindicam a revogação de uma lei antiterrorismo que tem sido usada como justificativa para o encarceramento de tantos indivíduos do seu povo. Clamam pelo reconhecimento do seu território que tem sido usurpado. É exatamente esta oposição entre uma e outra identidade que é emblemática, pois que, ao se afirmar uma identidade Mapuche, reivindica-se a afirmação da presença nativo-americana na história nacional chilena e, por outro lado, ao se afirmar uma identidade Chilena, dilui-se a presença nativo-americana e a relega a um segundo plano.

Neste sentido, superar a extravagante peculiaridade do desconhecimento e estudar a história desse povo Mapuche é absolutamente essencial para compreender a atual situação identitária chilena. Poderíamos dizer que as hostilidades, que se manifestam hoje, remontam mesmo ao primeiro momento de contato entre os índios do Chile e os espanhóis em 1536, quando, das altas terras do Peru, dom Diego de Almagro desceu com sua pequena expedição¹. Diferentemente do que ocorreu em grande parte do continente americano, os espanhóis enfrentaram tamanha resistência por parte destes índios que foram forçados a reconhecer-lhes a independência. O próprio Chile, após sua proclamação de independência em 1810, reconheceu também a independência do território da Araucanía. Em 1883, porém, ainda em meio à Guerra do Pacífico, o Chile enviou tropas para o sul e conquistou o território Mapuche. Estes trezentos e quarenta anos de resistência são conhecidos como a Guerra de Arauco. Se quisermos estudar a história do povo Mapuche, portanto, é para a Guerra de

1 Estou ciente das discussões teóricas sobre o “mito das origens” e que a história não é só continuidade desde o momento da “Descoberta” da América até os dias de hoje. Quero apenas dizer que existem hostilidades entre chilenos e mapuche hoje, e que existiu hostilidade entre índios e espanhóis desde o momento em que Diego de Almagro primeiro pisou em território “chileno”. A hostilidade pode ter mudado sua forma, pode ter mudado suas motivações, os chilenos do século XXI são muito diferentes dos “chilenos”/espanhóis do século XVI, assim como os mapuche do século XXI também são diferentes dos índios do século XVI. No entanto, a hostilidade permanece.

Arauco que devemos voltar a nossa atenção.

O trabalho do historiador se faz, todos sabemos bem disso, a partir das fontes, sejam elas tradições orais, imagens, gravações em áudio, textos, vídeo, etc. A verdade é que, apesar da existência de diversos tipos de fonte, a história se construiu e se constrói principalmente a partir das fontes escritas. É também verdade que pensamos ser difícil escrever uma história dos povos nativo-americanos devido à pequena quantidade de documentos escritos que possam nos servir de fonte. Talvez este seja o caso em muitas regiões da América. Certamente não o é para a região do Chile. No artigo *A Brief History of Araucanian Studies*², de Donald D. Brand, podemos ter um pequeno vislumbre da riqueza de documentos escritos que estão disponíveis sobre os Mapuche e a Guerra de Arauco. A lista é imensa. Não é possível, portanto, nos escusar do estudo da Guerra de Arauco por falta de fontes históricas.

Evidentemente, trabalhar todas as fontes sobre o tema, referentes a estes quase 500 anos de história do Chile, incorreria em um esforço sobre-humano. É preciso traçar limites razoáveis.

A proposta de Carlo Ginzburg sobre um paradigma indiciário é particularmente interessante para se pensar o tema em questão. Existe um velho adágio que diz: “a primeira impressão é a que fica”. Não entremos no mérito da discussão sobre quão exato ou inexato é este adágio ou se incorreríamos no erro do “mito das origens”. Adotemo-lo, apenas, como uma espécie de mote. Ginzburg parece procurar, nas minúcias das fontes, certos indícios que levariam a uma compreensão mais ampla do contexto em que foram produzidas. Chega a comparar essa metodologia de pesquisa, esse método indiciário, ao trabalho de um detetive que, através de pequenas pistas, busca reconstituir o crime (para ser mais exato, ele usa o exemplo das investigações de Sherlock Holmes)³. A julgar pelo supracitado adágio, poderíamos supor, assumir como hipótese, que alguma impressão muito forte foi criada nos primeiros momentos de contato entre os índios do Chile e os espanhóis. Busquemos, portanto, compreender o que se passou nesses primeiros anos de contato. Procuremos indícios que nos ajudem a melhor entender as atuais hostilidades.

2 BRAND, Donald D. “A Brief History of Araucanian Studies”. In: **New Mexico Anthropologist**, Vol. 5, No. 2 (Apr. - Jun., 1941), pp. 19-35.

3 GINZBURG, Carlo. “Sinais: Raízes de um paradigma indiciário”. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp. 143-179.

OS MAPUCHE HOJE

A questão da identidade e o bicentenário da independência

O Chile comemorou o bicentenário de sua independência recentemente (no dia 18 de setembro de 2010, para ser mais preciso) e diante dessa data festiva, segundo Alvarez-Rubio, parece que os chilenos buscam fervorosamente uma resposta para a pergunta “que é ser chileno?”

Uma primeira inferência óbvia que fazemos do texto *Heterogeneidad e Identidad Nacional en el Imaginario Cultural Chileno* é que o Chile tem rompido progressivamente com um antigo paradigma de homogeneidade identitária e caminhado em direção ao reconhecimento de outras identidades que antes permaneciam deliberadamente encobertas⁴. A evidência dessa transformação em andamento poderia ser observada na imensidão de discursos acerca do assunto, particularmente nos discursos literários.

Observa-se um indício fantástico e, possivelmente, a raiz ou a pedra fundamental desta monografia, no seguinte trecho retirado do artigo de Alvarez-Rubio:

“El tema de la identidad nacional en la narrativa chilena está estrechamente ligado al concepto de heterogeneidad cultural, y viene siendo reformulado reiteradamente según el sujeto social que lo enuncie, sea este el Estado o el letrado. La gran mayoría de las formulaciones son, por cierto, versiones sociales o literarias marcadas por los conflictos étnicos e históricos em que se produjeron, así como por el espejismo identitario de la homogeneidad (Montecino, 13-14 y Valdivieso, 20-21)”⁵.

Se o tema da identidade nacional está ligado à heterogeneidade cultural e esta, por sua vez, se manifesta em função dos conflitos étnicos e históricos que se produziram no Chile, então a conclusão razoável é que ao estudar estes conflitos étnicos e históricos nós encontraremos indícios que nos ajudem a compreender por que os mapuche se recusam a aceitar uma identidade chilena. Em certa medida, esta é a pretensão desta pesquisa.

4 ALVAREZ-RUBIO, pilar. “Heterogeneidad e identidad nacional em el imaginario cultural chileno: una actualización”. In: Revista de Crítica Literaria Latinoamericana, Año 31, No. 62 (2005), p. 19.

5 *Idem. Ibidem*, p. 21.

***Terrorismo, multinacionais e os Mapuche*^{6 7 8}**

Desde o início da redemocratização chilena a partir dos anos de 1990, as comunidades mapuche têm se reorganizado para lutar em defesa de uma maior autonomia, pelo reconhecimento de seus direitos e pela recuperação de suas terras ancestrais. Essa reorganização tem sido denominada como o **Conflito Mapuche**.

A questão da terra, particularmente, parece ser a mais problemática, na medida em que envolve não apenas a questão identitária ou administrativa, mas também interesses econômicos de multinacionais. Embora isto já tenha sido proibido, madeireiras multinacionais derrubaram parte da floresta valdiviana e reflorestaram com árvores que não são nativas da região mas que oferecem um maior retorno financeiro.

Face a essa situação, alguns grupos ativistas mapuche resolveram apelar para o terrorismo. Dentre esses grupos, talvez o mais conhecido seja a *Coordinadora Arauco Malleco*, que se dedica à recuperação das terras ancestrais mapuche e orienta suas atividades contra as companhias madeireiras internacionais e contra alguns indivíduos e famílias. Suas táticas envolvem desde a queima de propriedades e pastos até ameaças de morte.

As ações desses grupos ativistas ainda são julgadas segundo a lei anti-terrorismo criada durante a ditadura de Augusto Pinochet, lei essa que tem sido combatida por meio de protestos e greves de fome.

Os Mapuche na ONU

Em Conselho de Direitos Humanos da ONU, no dia 22 de março de 2011, a Chefe Juana Calfunao fez um breve pronunciamento sobre sua própria situação enquanto uma líder dos Mapuche⁹. Seis pontos foram levantados neste pronunciamento: que ela tem sido alvo de perseguição, assédio e tortura por parte da polícia chilena; que ela foi presa e humilhada pela polícia chilena; que há processos judiciais sobre os “crimes” dela mas que nunca houve sequer alguma investigação sobre os crimes cometidos contra ela; que os tribunais chilenos manipularam imagens dos seus julgamentos para fazer parecer que ela agrediu os promotores

6 http://en.wikipedia.org/wiki/Mapuche#Modern_conflict

7 http://en.wikipedia.org/wiki/Coordinadora_Arauco_Malleco

8 http://en.wikipedia.org/wiki/Mapuche_conflict

9 <http://www.mapuche-nation.org/english/html/documents/doc-26.htm>

dos julgamentos; que sua casa foi incendiada três vezes e nunca ninguém se deu ao trabalho de investigar os acontecimentos; e, que sua família foi desmantelada e destruída em consequência desses atos. Por fim, declara que o governo chileno tem a obrigação de criar políticas para os povos indígenas e permitir que estes povos façam pleno uso do direito de auto-afirmação.

Em Conselho de Direitos Humanos da ONU, entre 30 de maio e 17 de junho de 2011, a Chefe Juana Calfunao fez um breve pronunciamento sobre a condição Mapuche no Chile¹⁰. Segundo esse pronunciamento, os Mapuche têm vivido por mais de 200 anos sob repressão, ditadura, pilhagem e assassinatos cometidos pelos chilenos. Indivíduos Mapuche têm sido deliberadamente incriminados e encarcerados com base em evidências ilegítimas e julgamentos duvidosos que violam resoluções internacionais sobre Direitos Humanos. Protestos e greves de fome têm sido feitas para que seja abolida a Lei Anti-Terrorismo que vem sendo usada para incriminar os Mapuche. Curiosamente, Juana Calfunao alega a ilegalidade da autoridade chilena ao sul do Rio Bío-Bío com base nos tratados de Killen, de 1641, e de Tapihue, de 1825, e alega que os chilenos têm poluído e destruído seu território ancestral. Por fim, ela faz um pedido para que as autoridades internacionais tomem alguma atitude para advertir o governo chileno para que este honre e cumpra as resoluções sobre Direitos Humanos às quais aderiu.

10 <http://www.mapuche-nation.org/english/html/documents/doc-28.htm>

A GUERRA DE ARAUCO

*Os Incas*¹¹

Ao longo da segunda metade do século XV, os incas deram início ao processo de conquista dos territórios meridionais. Esses territórios receberam o nome de *Kolla Suyu*. No entanto, apesar dos esforços incas, a fronteira se estendeu apenas até o rio Maipú. A presença inca mais ao sul se dava apenas em expedições militares porque, nas proximidades do rio Maule, os índios locais imprimiam uma tenaz resistência. Essa postura belicosa desses índios levou os incas a lhes chamarem *aukas*, ou *purun aukas*, que em quechua significa inimigo, rebelde ou selvagem. Especula-se que os termos *Arauco* e *Araucano* sejam derivados dessas expressões incas e, exatamente por isso, hoje considera-se que são termos de caráter pejorativo.

Diego de Almagro

Diego de Almagro não foi o primeiro “dono” das terras que hoje pertencem ao Chile. Na verdade, a primeira pessoa a tomar posse dessas terras em nome da Coroa de Castela foi Simón de Alcazaba. No dia 26 de Julho de 1529, a Rainha Isabel, como regente durante a ausência de seu marido, assinou uma cédula real garantindo a Alcazaba uma grande quantidade de terras partindo de Chíncha, aproximadamente na mesma latitude de Cuzco, e se estendendo duzentas léguas ao sul em direção ao Estreito de Magalhães. Essas terras não tinham limites a leste¹². Contudo, diferentemente de Francisco Pizarro que se beneficiava, e muito, da exploração das terras que lhe foram concedidas, Simón de Alcazaba jamais pisou em suas terras, o que, em maio de 1534, levou Carlos V a assinar uma nova cédula redistribuindo estas terras, abrindo assim espaço para Diego de Almagro.

A estadia de Diego de Almagro no Chile, apesar de tudo, foi bastante curta. Em 1536 ele organizou uma expedição com cerca de duzentos espanhóis e mais de quinze mil índios yanaconas e partiu em direção ao Chile. Mais de 800 pessoas morreram durante a travessia das montanhas e do deserto do Atacama. Chegado ao vale do Copiapó, Almagro encontrou

11 **Mapuche: semillas de chile**. Bogotá: D'Vinni S.A., 2009. p. 53

12 TALBOTT, Robert Dean. **A History of the Chilean Boundaries**. Tese (Doutorado em História) – Urbana: Universidade de Illinois, 1959. p. 4.

Pedro Calvo, um espanhol que fugia da justiça e que havia se integrado aos indígenas. Esse encontro facilitou as relações entre espanhóis e nativos de tal forma que Calvo até conseguiu convencer os índios a se converterem ao cristianismo. Almagro enviou ao sul uma expedição liderada por Gomez de Alvarado que avançou até o rio Itata. Muitos índios foram mortos durante essa expedição e, nas palavras de Talbott “*this slaughter caused hostility toward later Spanish expeditions*”¹³. Não encontrando nem ouro e nem prata, Diego de Almagro resolveu voltar ao Peru, lá chegando em 1537.

Já mencionei em uma nota de rodapé na Introdução que estou ciente da armadilha do “mito das origens”, mas devo aproveitar a citação que fiz à tese do Talbott para reforçar a minha impressão. A realidade pode ter sido, e com certeza foi, muito mais complexa que isso, mas esse primeiro “massacre” (*slaughter*) criou uma situação de hostilidade entre índios e espanhóis. Evidentemente não se trata de dizer que foram os espanhóis que começaram. Trata-se apenas de colocar “sob as luzes da ribalta” a informação de que relações entre os índios do Chile e os espanhóis foram hostis desde os primeiros contatos.

Pedro de Valdivia¹⁴

Antes mesmo de dar início à conquista do Chile, Pedro de Valdivia já havia adquirido uma vasta experiência militar. Nascido em La Serena na Espanha entre 1498 e 1500, aos vinte anos de idade já servia no exército do Rei tanto na Itália como em Flandres. Participou, inclusive, da famosa Batalha de Pavia em 1525 onde o Rei da França fora capturado. Em 1535, Pedro de Valdivia embarcou para a América e, uma vez aqui, participou da conquista da Venezuela e serviu sob o comando de Francisco Pizarro na guerra civil contra Diego de Almagro. Como recompensa por serviços prestados ao Rei de Espanha e ao Francisco Pizarro, foi-lhe concedida a permissão para explorar, conquistar e colonizar as terras do Chile.

Em 1540 organizou uma expedição que partiria rumo ao Chile. Após atravessar os Andes, o Atacama, o Vale do Copiapó, etc., ele finalmente funda a cidade de Santiago. Graças à expedição anterior de Diego de Almagro, os índios da região não lhe são nem um pouco amistosos e mantêm a cidade de Santiago sitiada por quase três anos, chegando, inclusive a incendiar-la e queimar-la até não restar quase nada¹⁵. Após esse episódio, Valdivia enviou um

13 *Idem. Ibidem.* p. 13.

14 *Idem. Ibidem.* pp. 14-19.

15 Evento escolhido, inclusive, para a análise de fonte no próximo capítulo.

de seus comandados, Alonso de Monroy com um pequeno grupo de espanhóis, para o Peru para pedir por auxílio. Esse grupo foi capturado pelos índios, mas Monroy fugiu com um companheiro e conseguiu chegar a Cuzco. Em 1543 finalmente chega ao porto de Valparaíso um navio com mantimentos, roupas e armas para reforçar a defesa da cidade de Santiago. Em 1545 chega ainda outro navio com suprimentos. Valdivia finalmente consegue se estabelecer de forma mais tranquila, Santiago finalmente se torna segura, e uma extensa área em torno de Santiago é pacificada. Nesse momento Gonzalo Pizarro inicia uma revolta no Peru. Valdivia com mais trinta espanhóis se dirigem a Cuzco, oferecem seus serviços ao então governador Pedro De La Gasca e esmagam a revolta. La Gasca, em agradecimento, nomeia Valdivia governador e capitão geral do Chile. Título que ostentou por pouco tempo, pois em 1554 Valdivia foi capturado e executado pelos índios.

Como já foi anunciado, a intenção desse trabalho é analisar as relações entre espanhóis e índios no Chile durante esses momentos iniciais. A presença de Diego de Almagro foi excessivamente curta, mas deixou marcas profundas. No entanto, a presença de Pedro de Valdivia foi muito mais documentada, e a fonte primária que será analisada adiante é, ou pretende ser, uma crônica dos feitos de Valdivia e dos espanhóis que com ele deram início à conquista do Chile. Gerónimo de Vivar, o autor da Crônica, se anuncia como uma testemunha visual dessa conquista, acompanhando a expedição de Valdivia. Isso não torna necessariamente mais “verídico” o relato dos acontecimentos. Como o interesse não é analisar a veracidade ou não da narrativa, mas sim a forma como espanhóis se referem aos índios, a fonte me parece suficiente para levantar primeiros indícios de alteridade.

Séculos XVII, XVIII e XIX^{16 17}

Embora Valdivia tenha conseguido vencer a resistência indígena e descer até a altura da Ilha de Chiloé, os espanhóis não conseguiram manter o controle sobre os territórios conquistados. Em pouco tempo os índios conseguiram destruir sete cidades e empurrar as tropas espanholas de volta para o norte do rio Bío-Bío. Em seis de janeiro de 1641 ficou decidida, no Parlamento de Killen, a autonomia dos índios ao sul do Bío-Bío, situação que se

16 **Mapuche: semillas de chile.** pp. 50-65.

17 BOCCARA, Guillaume. “Etnogénesis Mapuche: Resistencia y Reestructuración Entre Los Indígenas del Centro-Sur de Chile (Siglos XVI-XVIII)”. In: **The Hispanic American Historical Review**, Vol. 79, No. 3 (Aug., 1999), pp. 425-461.

manteve até a Guerra do Pacífico, quando os chilenos finalmente conseguiram conquistar o território mapuche. Entretanto, nem todos os índios ao sul do Bío-Bío se comportavam da mesma maneira. Enquanto os mapuche, que viviam entre o Bío-Bío e o rio Toltén não toleravam a presença espanhola, os índios ao sul do Toltén estabeleceram uma relação de cooperação com os espanhóis. Devido principalmente às características culturais dos mapuche, a fronteira do Bío-Bío permaneceu instável, obrigando a coroa espanhola a manter um exército permanente na região. Essa situação de permanente instabilidade fronteiriça e de constantes conflitos ficou conhecida como a Guerra de Arauco.

Quando falamos da oposição entre identidade mapuche e identidade chilena, que parece ser um tema importante na comemoração do bicentenário da independência do Chile, não podemos dizer que essa oposição identitária remonta aos primeiros momentos da presença espanhola. Se, por um lado, os conflitos entre os nativos e os não-nativos remontam ao século XVI, por outro, as identidades se transformaram ao longo dos últimos quinhentos anos. E para compreender como essas identidades se transformaram, é preciso estudar como as partes conflitantes interagiram ao longo desse período.

Uma característica bastante interessante mencionada por Boccara é que

“como lo hemos mostrado em outros trabajos, se suele emplear de manera errónea a los etnónimos *araucanos* y *mapuche* para hablar de esos grupos. Decimos 'de manera errónea' porque em los documentos que hemos revisado la palabra *mapuche* no aparece sino hasta la segunda mitad del siglo dieciocho. En cuanto al término *araucano*, sabemos que hace referencia a los grupos que vivían em la parcialidad de Arauco y que, por lo tanto, no abarcaba a la totalidad de los indígenas del centro-sur de Chile”¹⁸.

Assim, seria justo dizer que a Guerra de Arauco foi uma guerra de mapuches contra espanhóis/chilenos? Ou mesmo, seria justo dizer que os **mapuche** resistiram por cerca de 340 anos às investidas espanholas/chilenas? Me parece que não. Seria mais justo, ou coerente, dizer que os índios, num sentido mais genérico, do centro-sul do Chile resistiram às investidas espanholas/chilenas por cerca de 340 anos.

Deixemos de lado a questão dos “etnônimos” e passemos às transformações culturais que se operaram entre os séculos XVII, XVIII e XIX.

18 *Idem. Ibidem.* p. 426.

Uma primeira característica destes povos nativos que chamou a atenção dos espanhóis foi a sua descentralização política, o que, segundo os espanhóis, dificultava o empreendimento da conquista. Os nativos como um todo não constituíam uma unidade. Não se consideravam um só povo. Segundo Boccara

“la identidad social de los reche [expressão que Boccara decidiu usar para se referir genericamente aos índios da região centro-sul do Chile] como grupo se formataba em función de la pertenencia a un *lebo* y em referencia al *rehue*, el espacio ceremonial de cada *lebo*. (...) El *lebo* constituía el primer grado de la diferenciación identitária, puesto que un reche no sacrificaba, no decapitaba y no se comía a outro miembro de su próprio *lebo*. Entonces, este agregado formaba una doble frontera, tanto de orden sociopolítico como de orden identitário. Era a la vez el primer nivel sociopolítico realmente autónomo y el lugar de la primera demarcación de una frontera identitaria entre uno mismo y el 'otro'”¹⁹.

Se esta organização em *lebos* era a primeira demarcação identitária, não é possível falar em uma unidade identitária que englobe todos os índios do centro-sul do Chile do século XVI. Seria um anacronismo dizer que “eles já eram mapuche, mas não sabiam disso ainda”. Seria afirmar uma unidade cultural que os índios não reconheciam em si.

Outra característica importante que nos ajuda a compreender a longa resistência imposta pelos índios aos conquistadores é o papel simbólico fundamental que a guerra desempenhava dentro dos *lebos*.

“La guerra (...) no era un simples hecho de resistencia. O más bien esta resistencia armada contra el invasor ponía em movimiento mecanismos que la volvían tanto más eficaz em cuanto expresaban un aspecto vital y central em la producción y reproducción dinámica de los espacios políticos internos y externos de las comunidades reche”²⁰.

Em outras palavras, quanto mais os espanhóis insistiam em guerrear com os índios, mais fortaleciam as estruturas que dificultavam a conquista. A guerra era o “motor”, se é que podemos usar essa metáfora, tanto da reprodução das estruturas de poder como também da transformação cultural desses índios. Porque, se por um lado a essência do poder entre os índios se encontrava em ser um guerreiro bem sucedido, por outro a necessidade de ser bem sucedido em uma guerra contra uma cultura diferente impõe também a necessidade de se

19 *Idem. Ibidem.* pp. 431-432.

20 *Idem. Ibidem.* P. 437.

adaptar a novas condições de guerra que antes não existiam. Assim

“Las tentativas de conquista y colonización del centro-sur de Chile produjeron un efecto que podríamos llamar 'perverso', em el sentido de efecto no querido o no esperado: el nacimiento de una nueva entidad e identidad étnica: los **mapuche**”²¹ (o grifo é meu).

A necessidade de adaptação levou a uma transformação econômica tamanha que “ya para el siglo dieciocho la economía mapuche producía un fuerte excedente económico y estaba ampliamente abierta a los vários flujos comerciales”²². Dentre essas transformações econômicas, a introdução dos cavalos talvez seja a mais importante²³. Outros artigos de grande relevância comercial para os mapuche eram, também, os tecidos e a prata. Em princípio, os espanhóis do Chile tinham dificuldades de obter artigos de vestuário vindos da Europa, já que era necessário atravessar um oceano e um continente, e dentro do continente a Cordilheira dos Andes e o Deserto do Atacama, com as mercadorias. Os tecidos indígenas passaram a ser trocados por cavalos. Os indígenas passaram a usar os cavalos na guerra. Passaram a fazer investidas militares com o intuito de capturar éguas. Deram início à reprodução do gado equino. A economia indígena cresceu, assim como o gosto pela ornamentação corporal com a fabricação de jóias de prata. Assim essas transformações sócio-econômicas foram aos poucos dando origem à identidade mapuche, que valoriza muito estes três elementos: os cavalos, os têxteis e as jóias de prata.

Em termos comparativos,

“El tipo de poder que apareció em Araucanía en la segunda mitad del siglo dieciocho era radicalmente diferente a el que existía a la llegada de los españoles. El *ulmen* mapuche es desde ahora un *hombre rico* en el sentido literal de la palabra”²⁴.

O sucesso na guerra permanecia no centro das relações de poder. Porém, se no século XV e XVI ser bem sucedido na guerra significava ser um grande guerreiro como, por exemplo, o Michimalongo, no século XVIII ser bem sucedido na guerra implicava ter recursos para manter-se acumulando recursos por meio da guerra.

21 *Idem. Ibidem.* p. 440.

22 *Idem. Ibidem.* p. 446.

23 GREGSON, Ronald E. “The Influence of the Horse on Indian Cultures of Lowland South America”. In: **Ethnohistory**, Vol. 16, No. 1 (Winter, 1969), pp. 33-50.

24 BOCCARA, Guillaume. *Opus citatum.* p. 451.

Para concluir essa seção sobre o período referente aos séculos XVII, XVIII e XIX, eu gostaria de fazer uma última citação ao artigo de Boccara porque resume uma das ideias fundamentais para a compreensão da oposição identitária entre chilenos e mapuche que me propus a estudar:

“Estas transformaciones estructurales fueron acompañadas por modificaciones en la percepción que los grupos indígenas tenían de si mismos y hacia la figura del “otro”, o de la alteridad. Si en tiempo inmediato a la conquista los reche definían su identidad em relación al *rehue*, ya para finales del siglo dieciocho lo hacían em función de su pertenencia a una unidad macroregional y en oposición a los *huinca* [estrangeiro ou inimigo]. De igual manera, em el siglo dieciseis la dispersión sociopolítica y la guerra determinaban una gestión local de las identidades. Pero com la paulatina desaparición de la guerra de captación – y en la medida em que se efectuaba la gradual expansión territorial, el contato permanente com las instituciones de poder colonial y la concentración de las estructuras sociopolíticas mapuche – toda la dinámica de definición identitária se transformó”²⁵.

A Guerra do Pacífico²⁶

Segundo a interpretação geralmente aceita, os mapuche foram finalmente conquistados pelos chilenos logo após a Guerra do Pacífico. Por aproximadamente 340 anos, os “mapuche” tinham imposto tanto aos espanhóis como aos chilenos uma severa resistência que lhes garantiu a autonomia durante todo este tempo. No entanto, crê-se que após a Guerra do Pacífico as tropas chilenas não só dispunham de mais experiência de combate como também se encontravam muito melhor equipadas do que em períodos anteriores. Esses teriam sido fatores fundamentais para explicar o subjugo dos mapuche após a Guerra. Portanto, uma breve revisada do que foi essa guerra pode ser bastante relevante para o intento desta pesquisa.

Durante grande parte do século XIX as fronteiras entre Chile e Bolívia permaneceram indefinidas. Na verdade, essas fronteiras estavam indefinidas desde o período colonial. Enquanto a região não tinha importância econômica tanto para um quanto para outro país, a indefinição das fronteiras era irrelevante. No entanto, a partir do momento em que o guano e os nitratos passaram a ser utilizados em larga escala na agricultura mundial, a região

25 *Idem. Ibidem.* p. 457.

26 TALBOTT, Robert Dean. *Opus citatum.* pp. 53-110.

de fronteira entre Chile e Bolívia, por ser rica em guano e nitratos, passou a ser uma região de disputa. Entre os anos de 1842 e 1863, estes países passaram por uma série crise diplomática devido às disputas pelos direitos de exploração e comercialização destes recursos. A crise, no entanto, teve de ser superada momentaneamente devido a um conflito contra um inimigo comum: a Espanha. Neste momento, em 1866, foi assinado um tratado de cooperação entre os dois países para a fixação de uma zona fronteira e para a divisão de lucros da exploração dessa zona.

Com o fim do conflito contra a Espanha, a disputa pelas fronteiras foi retomada. O tratado de 1866 causava mais problemas do que resolvia. Nenhum dos lados se mostrava disposto a cumprir os termos do tratado e a guerra parecia iminente. Enquanto os problemas persistiam, a Bolívia e o Peru estabeleceram secretamente uma aliança militar, tanto defensiva como ofensiva. A Bolívia, por um lado se beneficiava do apoio militar peruano, uma vez que seu exército era fraco e que não possuía uma marinha de guerra. O Peru, por outro lado, se beneficiava na medida em que queria maior controle sobre a oferta mundial de guano e nitratos e, com esta aliança, obteve a cooperação boliviana. Em função dessa aliança, a Bolívia sentia-se suficientemente segura para reivindicar melhores condições para a exploração da zona fronteira. O Chile, ainda não tendo condições militares de competir com o Peru, cedeu às pressões bolivianas e um novo tratado foi assinado em 1874. A partir deste momento, as empresas chilenas passaram a ser prejudicadas pelo governo boliviano (mais particularmente a Companhia Antofagasta foi muito prejudicada), e tiveram suas propriedades confiscadas. Eventualmente as tensões geradas por essas atitudes acabaram por levar à guerra.

O Chile, durante o início da década de 1870 se empenhou em ampliar sua marinha de guerra para poder competir com a marinha peruana. Quando finalmente se sentiu seguro em relação a este aspecto, enviou tropas para ocupar militarmente a cidade de Antofagasta e exigir a reapropriação das propriedades da Companhia. As negociações não foram bem sucedidas. No dia primeiro de março de 1879 a Bolívia declarou guerra ao Chile. O Peru estava obrigado a fazer o mesmo devido à aliança formada poucos anos antes. O Chile declarou guerra ao Peru e à Bolívia no dia cinco de abril de 1879. E assim teve início a Guerra do Pacífico.

A Guerra pode ser dividida em duas partes bastante distintas: uma parte marítima e outra terrestre. Em primeiro lugar, Peru e Chile lutaram pela supremacia no mar. O Peru

possuía uma frota mais avançada tecnologicamente, tendo à sua disposição dois encouraçados. Ambos os países possuíam seis navios de guerra disponíveis. E apesar da vantagem tecnológica peruana, o Chile contou com a ajuda da sorte e conseguiu afundar os dois encouraçados peruanos. A partir desse momento o Chile obteve supremacia marítima e a parte terrestre da guerra assumiu a primazia. Como o litoral pacífico da América do Sul não possuía ferrovias no sentido norte-sul, a movimentação das tropas por terra era bastante limitado. O Chile se aproveitou então da supremacia naval para facilitar a movimentação das tropas. Ocupou as poucas cidades bolivianas do litoral e obstruiu o acesso boliviano ao Pacífico. Em seguida, ocupou as províncias peruanas de Tacna e Moquegua, imediatamente ao norte de Taparacá. O Peru não mostrou sinais de rendição e o Chile decidiu ocupar as cidades de Lima e Callao. Um novo governo foi instalado no Peru. Um acordo de paz foi firmado em 1883. A província de Taparacá tornar-se-ia permanentemente propriedade chilena e as províncias de Tacna e Arica ficariam sob o controle chileno por dez anos até que seria realizado um plebiscito para decidir quem ficaria com a posse dessas províncias. Com a paz firmada com o Peru, o Chile pode voltar suas atenções para a Bolívia. No entanto, seriam necessários mais vinte anos até que os dois países finalmente chegassem a um acordo de paz.

Embora a Guerra do Pacífico não esteja diretamente relacionada com a questão dos mapuche, a questão da experiência militar adquirida e o melhor aparelhamento das tropas parece ser relevante. Se em 340 anos de lutas nem os espanhóis e nem os chilenos tinham “pacificado” os mapuche, parece surpreendente que na década de 1880 essa façanha finalmente tenha sido atingida. E, talvez por ser um evento relativamente recente na história do Chile, a memória da Guerra do Pacífico e a “pacificação” dos mapuches exerça grande influência nesse “conflito” identitário que é o tema dessa monografia.

AS RELAÇÕES DE ALTERIDADE

Alonso de Ercilla e “La Araucana”²⁷

É interessante pensar como os espanhóis dos séculos XVI e XVII viam e compreendiam esses ferozes índios que habitavam as terras do Chile e que causaram tantos problemas aos conquistadores. O artigo de Frank G. Dawson nos dá algumas pistas a este respeito. Ao falar sobre *La Araucana*, Dawson a situa em um momento ímpar da história da Europa. Por um lado, temos a descoberta do Novo Mundo e toda a miríade de fantasias que ela desencadeou: ideias de paraíso terrestre, de riquezas sem fim (*El Dorado*), lugar onde habitam criaturas míticas (as Amazonas), etc. Por outro lado, a força com que a literatura de cavalaria se desenvolvia em Espanha: muitos dos conquistadores eram leitores assíduos desses romances de cavalaria e, frequentemente, faziam referências a eles em suas cartas e anotações sobre o Novo Mundo. É, possivelmente, essa combinação de fatores que levou à redação de uma obra como *La Araucana* e, de alguma forma, à construção de uma imagem dos índios mapuche/araucanos.

A obra de Alonso de Ercilla y Zúñiga foi muito influenciada por sua educação e pelo momento histórico em que vivia. Por ter sido educado a partir de obras clássicas grego-romanas, como a *Ilíada* e a *Odisséia* de Homero e a *Eneida* de Virgílio, a forma épica de redigir poemas refletiu-se em *La Araucana*. Não só a descrição das batalhas e das paisagens foram marcadas por essa característica, mas também as personagens, sejam espanhóis ou mapuche/araucanos. Grandes chefes índios como Caupolicán e Lautaro foram de tal maneira representados que, aos olhos do leitor, aparecem como grandes heróis dos épicos greco-romanos. Ao mesmo tempo, também refletiam as características dos heróis dos romances de cavalaria tão em voga na Espanha do século XVI, atuando como verdadeiros cavalheiros, generosos, fiéis, com base em um código de ética irreal para aqueles índios. *La Araucana*, apesar de ser uma obra muitíssimo bem escrita, e que valoriza ferocidade com que os mapuche/araucanos defendiam sua liberdade, não é uma obra que tenta se aproximar dos valores indígenas para melhor compreender sua resistência; não é uma obra que sugere uma alteridade. Também não poderíamos esperar que Alonso de Ercilla y Zúñiga adotasse uma

27 DAWSON, Frank G. “Ercilla and la Araucana: Spain and The New World”. In: **Journal of Inter-American Studies**, Vol. 4, No. 4 (Oct., 1962), pp. 563-576.

perspectiva antropológica que tornou-se comum somente depois do século XIX. Mas essas influências da literatura clássica grego-romana e dos romances de cavalaria, sem dúvida nenhuma, contribuem para reforçar um conflito de identidades.

***Pedro de Oña e o “Arauco Domado”*^{28 29}**

Diferentemente de outros espanhóis mencionados até aqui, Pedro de Oña nasceu e cresceu na América. Nasceu em Angol em 1570 e morreu em Lima em 1643. Em 1590 obteve o grau de Licenciado em Artes pelo *Real Colegio de San Felipe y San Marcos*. Depois deu início ao curso de Teologia pela *Universidad Mayor de San Marcos*. Encomendada por García Hurtado de Mendoza, que fora governador do Chile e neste momento era Vice-rei do Peru, em 1596 apresentou o manuscrito de *Arauco Domado*.

Por sua vez, o *Arauco Domado* é um poema épico, narrando a luta do povo mapuche, encomendado em resposta à obra *La Araucana* de Alonso de Ercilla. A obra foi baseada, em termos de estrutura, na *Eneida* de Virgílio e tinha um propósito claro: enaltecer a figura de Hurtado de Mendoza. Situação interessante de se levar em consideração é o fato de Ercilla ter sido condenado à morte por Hurtado de Mendoza e que este fora descrito em *La Araucana* como um *mozo capitán acelerado*.

Assim, por um lado, se *La Araucana* valorizou excessivamente os feitos dos indígenas (chegando inclusive a atribuir-lhes características de heróis gregos com as virtudes dos cavaleiros medievais), *Arauco Domado*, por outro lado, procura valorizar os feitos dos espanhóis. A própria observação do nome das obras já nos permite observar essa oposição. A primeira passa uma impressão épica do evento; inspirada n'A *Ilíada*, passa uma impressão de uma guerra tão monumental quanto a guerra de Tróia. A outra propõe já em seu título que a guerra não foi grande coisa e que, os índios haviam sido domados.

28 http://es.wikipedia.org/wiki/Pedro_de_Oña

29 http://es.wikipedia.org/wiki/Arauco_Domado

Análise de Fonte: Gerónimo de Vivar e a “Crónica y Relación Copiosa y Verdadera de los Reynos de Chile”³⁰

A *Crónica y relación copiosa y verdadera de los reynos de Chile* é uma obra escrita por Gerónimo de Vivar no século XVI. Alegadamente, suas intenções eram tanto prestar um favor ao rei ao informá-lo sobre o que se passara nas terras do Chile quanto prestar um favor aos espanhóis que ali lutaram para que seus grandes feitos não caíssem no esquecimento. Vivar se afirma testemunha ocular da maioria dos eventos que narra, uma vez que participara da expedição de Valdivia. Sabendo disso, temos consciência de que a obra tem a intenção clara de valorizar os feitos espanhóis e que, possivelmente, números e situações sejam exageradas em uns e outros casos. Porém, isso não impede que a leitura que Vivar fez dos eventos seja próxima à realidade: intenções, ações, objetos utilizados, etc. Neste sentido, escolhi um capítulo em particular da *Crónica* para trabalhar sobre. O assunto do capítulo é a destruição de Santiago que levou Valdivia e os espanhóis a passar por um aperto por quase três anos, tendo inclusive de caçar cigarras durante a madrugada para terem o que comer.

“Capítulo xxxviii que trata de como, estando el general en la provincia de los Pormocoes, dieron los indios em la ciudad y de la victoria que hubieron.

Traía Michimalongo com su gente tanto secreto en el caminar como hombres que iban a casa ajena a hurtar. Por no ser sentidos ni vistos, mataban a todos los yanaconas y indios de servicio que hallaban y, sin ser sentidos, se allegó a ciudad muy junto. Dios nuestro Señor y Benigno Padre, que siempre de sus hijos tiene cuidado, fue servido socorrer sus solos y peregrinos cristianos. Inspiró y alumbró en un principal, amigo de los cristianos, indio que le servían. No le daban por este respecto parte de estos negocios ninguno de los otros caciques; antes, le querían mal porque era amigo de los cristianos. Díjole al teniente como sabía que, en aquel momento, había llegado Michimalongo con diez mil indios y que estaba muy cerca de la ciudad, y que lo sabía por un indio suyo que se había huido del real de Michimalongo, y que venían repartidos en quatro partes, y que habían de dar en la ciudad.

Luego que el teniente supo la nueva, mandó apercibir su gente y cabalgar los de a

30 VIVAR, Gerónimo de. *Crónica y relación copiosa y verdadera de los reynos de Chile*. Ed. facsimilar y a plana del Fondo Histórico y Bibliográfico José Toribio Medina. Santiago: Fondo Histórico y Bibliográfico José Toribio Medina, 1966, tomo II.

caballo. Repartíolos en cuatro cuadrillas, cada uno de treinta y dos de a caballo. Dió a Francisco de Villagrán, la otra a Francisco de Aguirre, y la otra dió a Juan de Avalos, otra tomó para sí, dándoles aviso a cada cuadrilla acudiese a su cuadrillero y que cada cuadrillero acudiese a la plaza si fuese menester. Escuadra eran veinte y dos hombres de a pie. Había entre ellos algunos arcabuces y ballestas. A estos de a pie mandó el teniente que guardasen a los caciques que estaban presos. Mandó echar las velas acostumbradas y rondar por de fuera de la ciudad en domingo, once de setiembre del año de mil quinientos y cuarenta.

Allegados los indios de guerra a la ciudad en que eran sentidos de las centinelas, dieron un alarido muy grande como ellos lo tienen por costumbre. Acometieron al cuarto de la alba con toda su furia, echando fuego que traían escondido en ollas y, como las casas eran de madera y paja y la cerca de los solares de carrizo, ardía muy de veras la ciudad por todas las cuatro partes. Luego los de a caballo salieron por sus partes con tanto ímpetu y alanceaban con todo ánimo por vender bien sus vidas y defender bien sus casas y hacer lo que debían. Como era de mañana antes del día a la luz de la lumbre que ardía, detrás los cestos flechaban los indios a los cristianos a su salvo, y los españoles alanceaban a los indios, que fuera de los cestos estaban, tantos, en cantidad que apenas podían los de a caballo romper en ellos. Si guerra le hacían los indios, grande se la hacía el humo y ellos la sufrieron y pasaron hasta que el día vino. A esta hora allegaron otros indios de refresco. Ya que la luz dió lugar a que mejor se aprovecharan los españoles, con ayuda del cielo comenzaron más de veras la guazabara o batalla tan reñida que era cosa admirable. Los españoles, por defender tan justa causa, peleaban como lo suele hacer en las necesidades y los indios, prosiguiendo su determinación, peleaban como aquéllos que defendían su patria.

En esta sazón supo el teniente que venían indios de refresco y que acometieron por todas partes. Entre ellos venía un capitán con mil indios a combatir a la casa donde estaban los caciques presos que era la del general. Le puso fuego y puesto por fuerza de armas sacasen de la prisión al cacique Quilicanta y los demás caciques. Como hallaron gente que se lo defendían, tardaron hasta que el teniente lo supo, que vino a socorrer aquel lugar más peligroso. Cuando llegó al patio, vió que estaban en gran priesa los veinte y dos cristianos con los indios por defenderles la casa y caciques. Acudía más gente de refresco que se henchía el patio que era grande. Como vido arder la casa apeose con toda furia peleando rompió de presto, temiendo que el fuego no le daría lugar a entrar a matar los caciques que

estaban presos, haciendo cuenta que, si mataba a los caciques, era deshecha la guerra.

Cuando allegó a la puerta de la casa, salió una dueña que en casa del general estaba, que con él había venido serviéndole del Pirú, llamada Inés Juárez [Suárez], natural de Málaga. Como sabía, reconociendo lo que cualquier buen capitán podía reconocer, echó mano a una espada y dió de estocadas a los dichos caciques, temiendo el daño que se recrecía si aquellos caciques se soltaban. A la hora que él entraba, salió esta dueña honrada con la espada ensangrentada, diciendo a los indios: “Afuera, auncaes!” que quiere decir: “Traidores, que ya yo os he muerto a vuestros señores y caciques,” diciéndoles que lo mismo haría a ellos y, mostrándoles la espada, los indios no le osaban tirar flecha ninguna porque les había mandado Michimalongo la tomasen viva y se la llevasen. Como les decía que había muerto a los caciques, oído por ellos y viendo que su trabajo era en vano, volvieron las espaldas y echaron a huir los que combatían la casa. El fuego ardía por todas partes y, como los indios andaban dentro de la ciudad, peleaban con los españoles y aquel campo estaba más seguro. Llegó el teniente a esta dueña e indias de su servicio que con ella estaban en aquella casa. Recogidos [sic], púsolas todas en un sitio bueno con los veinte y dos españoles y, dejando el teniente a recaudo esta gente, fue a socorrer a la cuadrilla que más necesidad tenía. Halló que los indios les habían ganado ciertas casas y de allí ofendían malamente. Cuando dos indios mataban un caballo daban muy gran alarido, dando a entender que se animasen, que ya tenían uno menos de sus enemigos.

Mandó luego el teniente llevar los malheridos a donde aquella dueña estaba y ella los curaba y animaba. Ya la ciudad en esta sazón estaba casi ardida. Recorriendo el teniente los cuadrilleros y la parte que más necesidad había, como buen capitán acometían tan recio que parecía que entonces comenzaban matando e hiriendo. Era cosa admirable de ver. Dos horas antes que el sol se pusiese apretaron los españoles de tal suerte con los indios, aunque estaban cansados y muchos de ellos malheridos, [que] los indios no osaban salir de la ciudad por temor de los caballos a causa de ser las salidas de la ciudad llanas y los montes para acogerse lejos. Mas, en fin, no pudiendo sufrir los cristianos, determinaron de salir de la ciudad y aun tenían por bien dejarla. Como era campo ancho y largo los de a caballo, aunque cansados, no dejaban de alcanzar algunos.

Prendiéronse muchos y, preguntádoles que porqué huían tan temerosos, respondían porque un Viracocha viejo en un caballo blanco, vestido de plata con una espada en la mano,

los atemorizaba y que, por miedo de este cristiano, huyeron. Entendido los españoles tan gran milagro, dieron muchas gracias a Nuestro Señor y al Bienaventurado Apóstol Señor Santiago, Patrón y Luz de España. En esta batalla murieron ochocientos indios, y los indios mataron dos españoles y catorce caballos.”³¹

Vamos à análise da fonte.

O fato de ter sido um índio a ter avisado o encarregado da proteção da cidade na ausência de Pedro de Valdívia sobre o ataque iminente das tropas de Michimalongo é algo a ser levado em consideração. Evidencia não só que nem todos os índios eram inimigos dos espanhóis como também que os espanhóis não eram inerentemente maus com os índios da região, afinal o índio informante quis protegê-los de alguma forma.

Os espanhóis mantinham caciques em cativeiro e até então tinham interesse em mantê-los vivos. Esses caciques deveriam representar ou trazer algum tipo de vantagem estratégica pois não faria sentido mantê-los presos por possíveis crimes.

O ato de atear fogo às casas demonstra que os índios tinham sim a intenção de botar a cidade abaixo.

Ao afirmar que os espanhóis lutavam valorosamente por necessidade e que os índios demonstravam sua determinação em lutar por sua terra, Vivar indiretamente reconhece que os espanhóis estão invadindo e tomando um território. O que não significa, entretanto, que ele considerasse isso algo errado.

Ao se dirigirem à casa de Valdivia, onde Quilicanta e outros caciques permaneciam como prisioneiros, percebe-se que a intenção dos índios não era apenas a destruição pura e simples. O próprio tenente tinha consciência de que os prisioneiros representavam um dos principais motivos que levaram os índios a desferirem aquele ataque.

Os gritos dos índios ao matar um cavalo junto ao fato de terem morrido mais cavalos do que espanhóis atesta que, neste momento, os índios reconheciam o papel estratégico-militar desempenhados pelos cavalos e que, portanto, seria mais vantajoso focar o ataque nos cavalos.

Não ficou muito claro o motivo da fuga dos índios, mas aparentemente, para os

31 *Idem. Ibidem.* pp. 54-56.

espanhóis, atribuir essa fuga a um milagre pareceu o suficiente.

Por fim, percebe-se que os conflitos entre os espanhóis e os índios foram intensos desde os primeiros momentos de contato. A menos de um ano do início de sua expedição, as tropas de Valdívia já passavam por uma situação quase que catastrófica, tendo suas reservas de comida destruídas, em função de um ataque organizado pelos índios. Ao mesmo tempo, também eram os espanhóis que faziam a sua parte pelo reforço do conflito na medida em que, pouco tempo antes, haviam capturado Michimalongo e o obrigado não só a revelar a localização das minas de ouro como também a extrair o minério para os espanhóis. A situação não era (e nem é) simples para ser descrita em uma proposição de causa e efeito. Nem é possível distinguir com clareza os limites de alteridade e identidade que esperávamos encontrar. Os espanhóis viam, sem dúvida, aos índios como infiéis ou como um rebanho a ser convertido, mas que em troca desse benefício deveriam retribuir com o trabalho. E os índios viam, sem dúvida, aos espanhóis como invasores. Mas como já vimos anteriormente, os índios não tinham uma noção clara de identidade que os unia a todos. E, portanto, esse ataque à cidade de Santiago é emblemático porque demonstra a situação conflituosa inicial e, ao mesmo tempo, mostra uma primeira aliança em grande escala dos índios da região com o intuito de se defender de um inimigo em comum.

CONCLUSÕES

As Relações de Alteridade e a Questão da Identidade

Como vimos, as relações de alteridade e identidade não são tão facilmente definíveis ao longo dessa longa história. Temos, por exemplo, que os espanhóis não consideravam necessariamente todos os índios como inimigos, estabelecendo relações relativamente cordiais com alguns deles. Ao mesmo tempo, nem todos os índios consideravam os espanhóis como inimigos, ao ponto de alguns deles estabelecerem relações amistosas com os espanhóis e de um deles entregar o ataque planejado por Michimalongo à cidade de Santiago. Temos ainda que os índios não possuíam uma identidade global no século XVI e que ela foi sendo construída até que, no século XVIII, finalmente aparece o termo Mapuche pela primeira vez nos documentos. No século XIX e ao longo do século XX, também os chilenos sofreram uma transformação identitária na medida em que chegaram muitos imigrantes dos mais diversos lugares.

Tendo em vista esses fatores, parece suficientemente claro que não é possível dizer que o conflito entre mapuches e chilenos se arrasta desde o século XVI, já que essas identidades surgiram muito mais tarde.

Porém, não se pode negar que os conflitos desempenharam um papel essencial na formação dessas identidades. E nesse sentido eu inverteo o meu pensamento inicial: se antes me parecia importante estudar as relações de alteridade e de identidade para poder compreender o conflito, agora me parece que é preciso estudar o conflito para compreender a construção das relações de alteridade e identidade.

As Relações de Alteridade e o Terrorismo

Em princípio poderia parecer que o terrorismo está diretamente ligado às relações de alteridade, sendo vinculado a uma opressão identitária unificadora imposta pelo governo chileno durante muito tempo. Mas parece que esta ligação se dá de maneira muito mais indireta. Posto que não é devido à opressão identitária, mas devido à formação de uma identidade mapuche que se deu no século XVIII, que acabou assimilando resoluções tomadas em momentos anteriores à formação dessa identidade, como o Tratado de Killen, definindo

um território que hoje os mapuches reivindicam como seu.

A Guerra de Arauco e o Conflito Mapuche

Sem dúvida nenhuma é possível afirmar que sem a Guerra de Arauco hoje não existiria Conflito Mapuche. Pura e simplesmente porque a identidade mapuche foi construída ao longo da Guerra de Arauco e porque a identidade foi forjada à medida em que os índios se adaptavam à Guerra. Sem a resistência talvez os índios nunca tivessem assimilado o cavalo como parte importante da sua cultura; não haveria a inversão de alguns papéis sociais (como o shaman que antes era predominantemente masculino e que agora é predominantemente feminino); e não haveria o desenvolvimento da arte em prata que surgiu do enriquecimento dos caciques. E sem a formação dessa identidade mapuche não haveria um conflito mapuche.

Os Mapuche, a ONU e o Resto do Mundo

Os mapuche possuem quase nenhuma visibilidade para o resto do mundo quando comparados com outros grupos étnicos como os bascos na Espanha. Isso sem dúvida é um fator limitador às tentativas de obter apoio às suas reivindicações frente ao governo chileno. Me parece bastante improvável que um dia conseguirão apoio no sentido de fazer o Chile reconhecer os Tratados de Killen e Tapihue e no sentido de restabelecer o Reino de Araucania e Patagônia. Mas é possível que venham a obter apoio no sentido da autonomia administrativa e reconhecimento de direitos como o de auto-afirmação enquanto mapuches ou o da revogação da lei anti-terrorismo que permanece em voga mesmo vinte anos depois da queda de Pinochet.

Levantamento de Novas Questões

Um aspecto que foi pouco explorado e que deve ser relevante para o tema é a situação dos mapuches ao longo do século XX. Uma vez que os chilenos “pacificaram” a região da Araucania, parece que os mapuches sumiram da história até os anos 90 quando eles voltam a se organizar em defesa dos seus interesses. A maioria dos trabalhos encontrados para desenvolver essa pesquisa sobre os Mapuche se referem ao que é conhecido como a Guerra de Arauco. É como se, enquanto os índios impuseram sua resistência ainda valia a pena estudá-los, mas uma vez que foram conquistados a magia do tema acabou. Então uma primeira

pergunta que fica no ar é essa: o que foi feito dos mapuches entre 1880 e 1990? Ou ainda: como reagiram (ou não) os mapuches à pacificação da Araucania?

Questões mais relativas ao presente seriam: será que a ditadura do Pinochet desempenhou algum papel de relevância nesse “renascimento” mapuche do final do século XX? Quero dizer, durante a ditadura muitos mapuches foram exilados e se concentraram na Europa, então pode ser que haja influências do contato com os bascos por exemplo e quem sabe até o ressurgimento da ideia do Reino de Araucanía e Patagônia, uma vez que a “família real” é francesa.

Talvez um trabalho comparativo entre os livros *La Araucana* e *Arauco Domado* e suas respectivas influências no mundo hispânico/chileno. Como cada um aborda a resistência dos índios, os feitos dos espanhóis, as diferenças culturais, a motivação dos acontecimentos, etc. E em que medidas essas diferentes perspectivas foram internalizadas pela população hispânica/chilena. Talvez mais, como os próprios mapuche hoje vêem essas obras sobre os feitos daqueles que consideram seus antepassados.

Considerações Finais

Apenas para dar uma amarrada no que foi discutido, tentarei recapitular os aspectos principais que foram desenvolvidos. Em primeiro lugar, a situação chilena no que diz respeito à questão identitária é bastante problemática nos dias de hoje. Depois do fim da ditadura do Pinochet, enquanto os chilenos passam por um momento de reconhecimento de múltiplas identidades (dentre elas a dos mapuche), os mapuche procuram reafirmar sua identidade em oposição à identidade chilena. Essa oposição se manifesta no conflito mapuche. Em segundo lugar, pudemos observar que, apesar de existir um conflito entre os espanhóis/chilenos e os índios do Chile desde os primeiros momentos da “conquista”, ambas as identidades “chileno” e “mapuche” foram construídas e se transformaram com o tempo, o que nos impede de afirmar que o conflito entre “chilenos” e “mapuches” remonta aos primeiros momentos de contato. Por fim, mesmo entre os espanhóis dos primeiros momentos da conquista, as visões construídas sobre o outro, os índios, não era necessariamente a mesma. Passando pela contemplação e admiração de Alonso de Zúñiga para um certo desprezo do Pedro de Oña. A conclusão final é que o conflito mapuche não se explica pelos primeiros momentos da conquista, mas que, se compreendermos o processo de construção das identidades ao longo

dos quase quinhentos anos de conflitos, poderemos compreender melhor a situação complexa pela qual passa o Chile nesse momento de comemoração do bicentenário de sua independência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ-RUBIO, Pilar. “Heterogeneidad e identidad nacional em el imaginario cultural chileno: una actualización”. In: **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**, Año 31, No. 62 (2005), pp. 19-26.

BOCCARA, Guillaume. “Etnogénesis Mapuche: Resistencia y Restructuración Entre Los Indígenas del Centro-Sur de Chile (Siglos XVI-XVIII)”. In: **The Hispanic American Historical Review**, Vol. 79, No. 3 (Aug., 1999), pp. 425-461.

BRAND, Donald D. “A Brief History of Araucanian Studies”. In: **New Mexico Anthropologist**, Vol. 5, No. 2 (Apr. - Jun., 1941), pp. 19-35.

DAWSON, Frank G. “Ercilla and la Araucana: Spain and The New World”. In: **Journal of Inter-American Studies**, Vol. 4, No. 4 (Oct., 1962), pp. 563-576.

DE ARMOND, Louis. “Frontier Warfare in Colonial Chile”. In: **Pacific Historical Review**, Vol. 23, No. 2 (May, 1954), pp. 125-132.

FARON, Louis C. “Effects of Conquest on the Araucanian Picunche during the Spanish Colonization of Chile: 1536-1635”. In: **Ethnohistory**, Vol. 7, No. 3 (Summer, 1960), pp. 239-307.

FARON, Louis C. “The Natural and Cultural Setting of the Aboriginal Picunche”. In: **Ethnohistory**, Vol. 2, No. 2 (Spring, 1955), pp. 133-145.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GREGSON, Ronald E. “The Influence of the Horse on Indian Cultures of Lowland South America”. In: **Ethnohistory**, Vol. 16, No. 1 (Winter, 1969), pp. 33-50.

Mapuche: semillas de chile. Bogotá: D'Vinni S.A., 2009.

TALBOTT, Robert Dean. **A History of the Chilean Boundaries**. Tese (Doutorado em

Historia) – Urbana: Universidad de Illinois, 1959.

VIVAR, Gerónimo de. **Crónica y relación copiosa y verdadera de los reynos de Chile**. Ed. facsimilar y a plana del Fondo Histórico y Bibliográfico José Toribio Medina. Santiago: Fondo Histórico y Bibliográfico José Toribio Medina, 1966, tomo II.

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Vinícius Matté Gregory, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “**Os mapuches e os chilenos: conflitos e construção identitária**” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Vinícius Matté Gregory

9 de Dezembro de 2011